

ONDJAKI

Bom dia, camaradas

Romance



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Ondjaki

A editora manteve a grafia vigente em Angola, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Capa

Kiko Farkas

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ondjaki

Bom dia, Camaradas : Romance / Ondjaki. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2376-6

I. Romance angolano (Português) I. Título.

13-12991

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Romance : Literatura angolana em português

869.3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?, eu gostava de fazer essa pergunta quando entrava na cozinha. Abria a geleira, tirava a garrafa de água. Antes de chegar aos copos, já o camarada António me passava um. As mãos dele deixavam no vidro umas dedadas de gordura, mas eu não tinha coragem para recusar aquele gesto. Servia-me, bebia um golo, dois, e ficava à espera da resposta dele.

O camarada António respirava primeiro. Fechava a torneira depois. Limpava as mãos, mexia no fogo do fogão. Então, dizia:

— *Menino, no tempo do branco isto não era assim...*

Depois, sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus-tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério.

— *António, tu trabalhavas para um português?*

— *Sim...* — sorria. — *Era um senhor diretor, bom chefe, me tratava bem mesmo...*

— *Mas isso lá no Bié?*

— *Não. Já aqui em Luanda mesmo; eu já tou aqui há muito tempo, menino... inda o menino não era nascido...*

Eu esperava sentado por mais palavras. O camarada António fazia lá as atividades da cozinha, sorria, mas ficava calado. Todos dias ele tinha o mesmo cheiro, mesmo quando tomava banho, parecia sempre ter aqueles cheiros da cozinha. Ele pegava na garrafa de água, enchia com água fervida, voltava a pôr na geleira.

— *Mas, António, ainda quero mais água...*

— *Não, menino, já chega* — ele dizia. — *Senão depois no almoço não tem água gelada e a mãe fica chateada...*

Quando arrumava a garrafa de água, e limpava a bancada, o camarada António queria continuar com as tarefas dele sem mim ali. Eu atrapalhava a livre circulação pela cozinha, além de que aquele espaço pertencia só a ele. Gostava pouco de ter gente ali.

— *Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê?*

— *Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada...*

— *Ó António, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser diretor, por exemplo...*

— *Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbombos funcionavam...* — ele só sorrindo.

— *Mas ninguém era livre, António... não vês isso?*

— *Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo...*

— *Não é isso, António* — eu levantava-me do banco. — *Não eram angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser...*

O camarada António aí ria só.

Sorria com as palavras, e vendo-me assim entusiasmado dizia *esse menino!*, então abria a porta que dava para o quintal, procurava com os olhos o camarada João, o motorista, e lhe dizia: *esse menino é terrível!*, e o camarada João sorria sentado na sombra da mangueira.

O camarada João era motorista do ministério. Como o meu pai trabalhava no ministério ele ajudava nas voltas da casa. Às vezes eu aproveitava a boleia e ia com ele para a escola. Era magro e bebia muito, então de vez em quando aparecia de manhã muito cedo lá em casa já bêbado, e ninguém queria andar no carro com ele. O camarada António dizia que ele já estava habituado, mas eu tinha receio. Um dia ele deu-me boleia para a escola, e fomos a conversar.

— *Ó João, tu gostavas quando os portugueses estavam cá?*

— *É o quê, menino?*

— *Sim, antes da independência, eles é que mandavam cá. Tu gostavas desse tempo?*

— *As pessoas dizem que o país estava diferente... não sei...*

— *Claro que estava diferente, João, mas hoje também está diferente. O camarada presidente é angolano, os angolanos é que tomam conta do país, não são os portugueses...*

— *É isso, menino...* — o João gostava de rir também, depois assobiava.

— *Tu trabalhavas com portugueses, João?*

— *Sim, mas eu era muito novo... E estive no maquí também...*

— *O camarada António é que gosta de falar muito bem dos portugueses...* — provoquei.

— *Camarada António é mais velho* — disse o João, e eu não percebi muito bem aquilo.

Ao passarmos por uns prédios muito feios, eu fiz adeus a uma camarada professora. O João perguntou logo quem era, e eu respondi: *é a professora María, ali é o bairro dos professores cubanos.*

Ele me deixou na escola. Os meus colegas estavam todos a rir porque eu tinha chegado de boleia. Nós costumamos gozar sempre quem chega de boleia, por isso eu sabia já que eles iam me estigar. Mas até não estavam a rir só disso.

— *É o quê?* — perguntei. O Murtala estava a contar uma cena que tinha-se passado na tarde anterior, com a professora María. — *A professora María, mulher do camarada professor Ángel?*

— *Sim, essa mesmo...* — o Helder disse a rir. — *Então ela hoje de manhã, lá na sala, tavam a fazer muito barulho então ela quis dar falta vermelha no Célio e no Cláudio... já... eles levantaram-se já pra ir refilar e a professora disse...* — o Helder já não podia mais de tanto rir, ele tava todo vermelho — *a professora disse: ustedes queden-se aiá, ou aí ou quê!*

— *Sim, e depois?* — eu também já a rir só de contágio.

— *E eles se atiraram no chão mesmo...*

Rebentámos todos a rir. Eu e o Bruno também gostávamos de brincar com os professores cubanos, como eles às vezes não percebiam bem o português, nós aproveitávamos para falar rápido e dizíamos disparates.

— *Mas ainda não sabes da melhor...* — o Murtala chegou perto de mim.

— *O quê então?*

— *Ela tava a chorar e bazou pra casa!!!* — o Murtala também estava a rir à toa. — *Deu borla só por causa disso!*

Nós tínhamos aula de Matemática, era com o professor Ángel. Quando ele entrou, estava chateado ou triste. Eu dei o toque no Murtala, mas não podíamos rir. Antes de começar a aula, o camarada professor disse que a mulher dele estava muito triste porque os alunos tinham sido indisciplinados, e que num país em reconstrução era preciso muita disciplina. Ele também falou do camarada Che Guevara, falou da disciplina e que nós tínhamos que nos portar bem para que as coisas funcionassem bem no nosso país. A sorte foi que ninguém queixou o Célio e o Cláudio, senão com isso da revolução eles tinham mesmo apanhado falta vermelha.

No intervalo a Petra foi dizer ao Cláudio que eles tinham de pedir desculpa na camarada professora, porque ela era muito boa, era cubana e estava em Angola para nos ajudar. Mas o Cláudio não gostou nada de ouvir a Petra, e disse-lhe que só tinha cumprido a ordem dela, que ela tinha dito para eles “se quedarem” e então eles atiraram-se para o chão.

Todos gostávamos do professor Ángel. Ele era muito simples, muito engraçado. No primeiro dia de aulas ele viu o Cláudio com um relógio no pulso e perguntou se o relógio era dele. O Cláudio riu e disse que sim. O camarada professor disse *mira, yo trabajo desde hace muchos años y todavía no tengo uno*, e nós ficámos muito admirados porque quase todos na turma tinham relógio. A professora de Física tam-

bém ficou muito admirada quando viu tantas máquinas de calcular na sala de aula.

Mas não era só do professor Ángel e da professora Maria. Nós gostávamos de todos os professores cubanos, também porque com eles as aulas começaram a ser diferentes. Os professores escolhiam dois monitores por disciplina, o que primeiro gostámos porque era assim uma espécie de segundo cargo (por causa do delegado de turma), mas depois não gostámos muito porque para ser monitor *había que ayudar a los compañeros menos capacitados* — como diziam os camaradas professores, e tinha que se saber tudo sobre essa disciplina e não se podia tirar menos que 18. Mas o mais chato de tudo era que tinha mesmo que se fazer os trabalhos de casa porque era o monitor que controlava isso no início da aula. Claro que ir dizer ao professor quem tinha feito a tarefa e quem não tinha feito, às vezes dava luta no intervalo, o Paulo que o diga quando lhe levaram no hospital com o nariz a sangrar.

No fim da tarde a camarada diretora veio falar connosco. Nós gostávamos quando entrava alguém na sala de aulas pois tínhamos que nos pôr de sentido e fazer aquela cantoriazinha, que uns e outros aproveitavam já para berrar: *buataardeeeee... camarádaaaaa... diretoraaaaaaaa*.

Então ela veio avisar que íamos ter uma visita-surpresa do camarada inspetor do Ministério da Educação. Que ela sabia que ia ser por um destes dias mas que tínhamos que nos portar bem, limpar a escola, a sala, as carteiras, vir “apresentáveis” (acho que foi isso que ela disse), e que o resto os professores depois explicavam.

Ninguém disse nada, nem ninguém perguntou nada. Cla-

ro que só nos levantámos quando a camarada diretora disse *então até amanhã*, e este *até amanhã* não era tão ao calhas como isso, porque seria diferente ela dizer *até para a semana*, então lá nos levantámos e dissemos bem alto: *atéééééééééé... manhãããããã... camarádaaaaaaaa diretoraaaaaaaaa!*